

Obesidade, imprensa e lucro

Sociologia

Enviado por: Visitante

Postado em:25/03/2010

A partir 1990, a obesidade passou a ser interpretada como uma doença epidêmica. Este processo, chamado pelos sociólogos de medicalização, com o tempo foi envolvendo muitos atores sociais além dos médicos, entre os quais representantes de governo, das indústrias farmacêutica e alimentícia e até mesmo a imprensa...

Por Maria Alice da Cruz Estigma dos gordinhos Para estudar a medicalização da obesidade, a jornalista Simone Pallone de Figueiredo, da Unicamp, estudou textos jornalísticos e a literatura sobre diversos campos da ciência - sociologia, antropologia, medicina e comunicação. Ele concluiu que o processo favoreceu a construção de um estigma que não está relacionado apenas à questão da saúde, mas também à busca de um padrão de beleza estabelecido, que leva um grande número de pessoas, em especial as mulheres, às práticas embelezadoras que vão de exercícios físicos e dietas a cirurgias plásticas, podendo acarretar distúrbios alimentares. O que é medicalização O termo medicalização vem sendo estudado pela sociologia da ciência em vários aspectos, entre os quais distúrbios alimentares. Trata-se de um processo construído, que se dá no momento em que algumas questões sociais passam a ser chamadas de doença. "Isso acontece porque a sociedade encara desta forma, simplesmente porque se estabelece que esteja fora da normalidade. Então todos começam a se preocupar, gerando interesse de vários setores da sociedade. E assim surgem as dietas e os problemas de saúde, inclusive a inapetência, que pode levar à anorexia. Tudo em função da estética." Para Simone, até mesmo os pais começam a restringir a alimentação dos filhos. "Muitos casos não se enquadram em tratamento, mas por questões estéticas, a pessoa passa a achar que se todo mundo tem de ser magro, ela também tem de ser", conclui ela. O grande risco da medicalização, do ponto de vista do cidadão, paciente ou não, é que, ao ter determinada condição definida como doença, o "mercado" fica à vontade para vender curas, quase sempre ilusórias. Sobre este assunto, veja também a reportagem Obesidade epidêmica e IMC estão sendo exagerados, diz cientista. Obesidade é doença? A análise de 305 matérias publicadas em um jornal paulistano, no período de 1998 a 2008, levou à constatação de que a imprensa teve papel determinante no processo de medicalização, diante da numerosa publicação de novidades sobre tratamentos, descobertas, lançamento de novas drogas e até mesmo dietas de estrelas. Simone salienta que 72% do total dos textos analisados enfocam a obesidade como doença ou epidemia, relacionando o mal a outras doenças, destacando os riscos, os custos individuais e para os sistemas de saúde público e privado. Embora o jornal tenha apresentado em algumas matérias uma conotação crítica à medicalização e todo o arcabouço que caracteriza esse processo, esses textos foram minoria na amostra analisada no estudo, de acordo com a jornalista. "Cura para a obesidade" A jornalista concluiu que a imprensa representa um importante papel na construção da epidemia da obesidade, apoiada principalmente no discurso médico, autoridade científica que legitima o processo da medicalização, com o suporte dos laboratórios farmacêuticos e o poder público na disseminação da ideia da doença e de possível cura, mesmo que não se esteja perto dela. A visibilidade dada ao tema, segundo a jornalista, provocou um acirramento no discurso de epidemia da obesidade por parte de médicos e autoridades de saúde em todo o mundo. Temas de saúde Assuntos ligados à saúde atraem naturalmente o público, seja em veículos impressos ou na TV. Para Simone, o poder

de influência da imprensa sobre seu público se intensifica quando se trata de conteúdo de saúde. Uma pesquisa de percepção pública da ciência realizada em 2008 mostrou que 35% do público se interessa por esses assuntos no Estado de São Paulo. Outra pesquisa do mesmo gênero, em nível nacional, revelou que o tema medicina e saúde interessa a 60% do público. Além do leitor leigo, os próprios cientistas se informam e se atualizam por meio da imprensa. Segundo Simone, os textos priorizam o discurso médico, ao ter como entrevistados, em sua maioria, profissionais da medicina. "Mas o cenário é dividido com outros atores sociais, inclusive pacientes", acrescenta. Ligação da obesidade com outras doenças

Temas como aconselhamento de tratamentos à base de medicamentos ou apenas dietas e exercícios físicos estiveram presentes nas matérias analisadas pela jornalista. Segundo ela, pesquisas que associam a obesidade a outras doenças mereceram divulgação ampla, assim como estudos voltados à descoberta das causas da obesidade. A corrida rumo ao corpo perfeito, que alimenta a indústria farmacêutica e o setor de alimentos da linha diet e light, bem como as clínicas de estética e as academias, começa exatamente quando há grande repercussão do tema na mídia, de acordo com o estudo. "A repercussão, principalmente nas revistas femininas, e a quase celebração aos tratamentos que modelos e atrizes realizam para afinar seus corpos levam a um medo irracional do excesso de gordura e a uma corrida desenfreada por academias de ginástica, consumo de remédios para emagrecer (inibidores de apetite são os mais comuns), cirurgias plásticas e outros tratamentos estéticos", explica Simone. Individualmente, os procedimentos podem dar algum resultado, mas na população como um todo não têm surtido efeito, já que a obesidade no Brasil ainda é crescente. Mito da cura O mito da cura e o risco de automedicação podem ser refletidos com a publicação, em 2007, de matérias sobre o lançamento e a suspensão, no mesmo ano, do medicamento rimonabanto - nome comercial, Acomplia -, mais uma promessa de tratamento revolucionário, destinado ao combate da obesidade, do diabetes e de aumento de gorduras no sangue (dislipidemias). Ao contrário do que era prometido, o remédio oferecia riscos de depressão e ansiedade. "Não bastasse o discurso da saúde para empurrar as pessoas para o processo de medicalização, as imagens publicitárias, novelas, programas de TV, reportagens em revistas e jornais também estimulam os indivíduos a participarem desse processo, ao não se identificarem com esses corpos perfeitos", reflete Simone. Mito da beleza O padrão de beleza adotado nas sociedades ocidentais contemporâneas é o corpo magro, esbelto e, preferencialmente, firme. "O que esses veículos vendem são ilusões de que esses corpos de modelos e atrizes são possíveis, quando raras vezes o são", questiona. Os corpos esculturais e atividade física na orla da praia que compõem os cartões-postais do Rio de Janeiro, por exemplo, são contrastantes aos números acerca do sobrepeso. Dados antropométricos fornecidos pela pesquisa Vigitel (Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico), realizada pelo Ministério da Saúde em 2006, 2007 e 2008, mostram que a cidade apresentou, em 2006, o maior número de excesso de peso no Brasil: 48,8% (homens e mulheres). Os dados da pesquisa, que foi realizada em todas as capitais e no Distrito Federal, anunciavam que a prevalência, além de alta, é crescente, fato observado também em países europeus. Quanto à obesidade, a capital que apresentou a maior prevalência foi João Pessoa (13,9%). Segundo Simone, essas médias já se assemelhavam às da Europa em 2006, quando algumas medidas já vinham sendo tomadas. Obesidade no Brasil Em 2007 e 2008, a prevalência do sobrepeso e da obesidade continuou crescendo no Brasil. Os homens apresentaram índices mais altos de sobrepeso que as mulheres, mas o aumento médio desses índices para o sexo feminino foi de 3,5 pontos percentuais, no período entre um ano e outro. Em relação à obesidade, as mulheres não só ultrapassaram os homens no valor total, atingindo 13,3% de prevalência de obesidade, contra 12,9% da média para os homens, como o aumento representou 1,6 ponto percentual. De acordo com a jornalista, nem as políticas para a prevenção da obesidade, implementadas desde 2003 no Brasil, conseguem conter as taxas de sobrepeso e obesidade. O discurso de profissionais da saúde, reforçando práticas voltadas para a contenção e tratamento da obesidade, também não tem sido

suficiente. Redução do estômago Simone acrescenta que a cirurgia de redução de estômago é o único procedimento especificamente voltado para o controle da obesidade no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), mas o Ministério da Saúde e outros ministérios têm outras políticas de prevenção, como a distribuição de cartilhas de alimentação para crianças e adultos e o incentivo à produção e distribuição de frutas e hortaliças. "Alguns hospitais públicos e mesmo convênios privados de saúde também promovem algumas ações, como programas de caminhadas em grupo e orientações nutricionais para que a pessoa não tenha problemas mais sérios", relata. Sociologia da ciência À luz da sociologia da ciência, Simone constata que a imprensa, ou o jornalismo, compactua com o processo de medicalização ao divulgar o discurso médico e priorizar o tom fatalista de epidemia. A publicação de matérias que exaltam a magreza reforça o estigma da obesidade, pois tratam de dietas e outros procedimentos para emagrecer com resultados promissores alcançados por algumas pessoas. Quem não consegue alcançar os resultados divulgados sente-se fracassado, com a autoestima baixa, de acordo com a jornalista. "Não há, na mesma medida em que se luta contra a obesidade, uma campanha que incentive a pessoa a se aceitar para combater a ditadura da magreza", reflete. No campo da sociologia, até existem correntes que se opõem à medicalização, mas eles são menos ouvidos. "E eles não defendem que a pessoa não deva se cuidar ou engordar, mas aceitar o próprio corpo, porque muitas vezes não são casos de obesidade ou nos quais a saúde esteja em risco", reflete. Este conteúdo foi publicado em 25/03/2010 no sítio Diário da Saúde . Todas as modificações posteriores são de responsabilidade do autor original da matéria